

**POSIÇÃO,  
POSICIONAMENTO  
E ESTEREÓTIPO:  
UM DIÁLOGO  
ENTRE AS  
PERSPECTIVAS  
SOCIOLINGUÍSTICA  
E DISCURSIVA**

**POSICIÓN, POSICIONAMIENTO Y ESTEREOTIPO: UN DIÁLOGO ENTRE LAS  
PERSPECTIVAS SOCIOLINGÜÍSTICA Y DISCURSIVA**

**STANCE, POSITIONING AND STEREOTYPE: A DIALOGUE BETWEEN SOCIOLINGUISTIC  
AND DISCURSIVE PERSPECTIVES**

**Shara Lylian de Castro Lopes\***  
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: O conceito de identidade é um ponto de interesse comum nos estudos linguísticos tanto para o campo da Sociolinguística (principalmente pesquisas da terceira onda) quanto para a Análise do Discurso. A proposta principal do artigo é averiguar pontos de conexão entre as noções dos campos citados que dialoguem com o conceito de identidade. Para isso, apresento o resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre estudos que tematizam a “identidade nordestina” a partir das duas perspectivas citadas. A base teórica dessa pesquisa considera sobretudo trabalhos de Sociolinguística Variacionista e de Análise do Discurso francesa. Os resultados apontam principalmente para uma confluência, embora não estável, dos termos das duas áreas, “posição” (*stance*) e “posicionamento”, bem como para usos comuns do termo “estereótipo”.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Análise do Discurso. Sociolinguística. Posicionamento Discursivo. Estereótipo.

---

\* Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Doutoranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem IEL-UNICAMP. E-mail: sharalylian@hotmail.com.

RESUMEN: El concepto de identidad es un punto de interés común en los estudios lingüísticos tanto para la Sociolingüística (principalmente la investigación de la tercera ola) como para el Análisis del Discurso. La principal propuesta del artículo es investigar puntos de conexión entre las nociones de los campos antes mencionados que dialogan con el concepto de identidad. Para ello, presento el resultado de una investigación bibliográfica sobre estudios que se centran en la "identidad del Nordeste brasileño" desde las dos perspectivas mencionadas. La base teórica de esta investigación tiene en cuenta, principalmente, los trabajos de Sociolingüística Variacionista y Análisis del Discurso francés. Los resultados apuntan principalmente a una confluencia, aunque no estable, de términos de las dos áreas, "posición" (stance) y "posicionamiento", así como a usos comunes de términos como "estereotipo".

PALABRAS CLAVE: Identidad. Análisis del Discurso. Sociolingüística. Posicionamiento Discursivo. Estereotipo.

ABSTRACT: The concept of identity is a subject of common interest in linguistic studies for the fields of Sociolinguistics (mainly third wave research) and Discourse Analysis alike. The article's main proposal is to investigate points of connection between the notions of the aforementioned fields that dialogue with the concept of identity. Therefore, I present the results of bibliographic research on studies that focus on the "northeastern identity" from the two mentioned perspectives. The theoretical basis of this research mainly considers works of Variationist Sociolinguistics and French Discourse Analysis. The results primarily point to the confluence, although not stable, of terms from the two areas, "stance" and "positioning," or even common uses of terms such as "stereotype".

KEYWORDS: Identity. Discourse Analysis. Sociolinguistics. Discursive Positioning. Stereotype.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Identidade é um conceito científico de difícil delimitação para qualquer área de pesquisa que se proponha a trabalhá-lo: Antropologia, História, Sociologia, Linguística, Sociolingüística, Análise do Discurso... Numa perspectiva antropológica, por exemplo, para Laraia (2009, p. 68), a identidade é constituída "por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica".

Tanto é possível considerar a "identidade" a partir de uma perspectiva *lato sensu*, que diz respeito ao grupo de características de um indivíduo ou do agrupamento de semelhanças num grupo social, quanto considerá-la como um conceito científico, quantitativamente tratável e falseável. Esse segundo é o que me interessa averiguar no presente texto.

O objetivo principal desse artigo é atentar para o modo como ocorre a mobilização desse conceito de "identidade" dentro das pesquisas linguísticas, nas áreas de Sociolingüística e Análise do Discurso, observando exemplos de algumas pesquisas ligadas ao que se denomina "identidade nordestina"<sup>1</sup> ou que de algum modo se relacionam com o significado dessa expressão, como pelas análises de estados nordestinos de forma isolada.

Para tanto, o texto é apresentado em quatro seções: nas duas primeiras, apresento panoramas mais gerais sobre a identidade nos campos sociolingüístico e discursivo; nas duas últimas, visito trabalhos mais específicos de ambas as áreas, enfocando as noções de posição, posicionamento e estereótipo.

Detalhando melhor: na primeira seção, exponho um breve esboço de apresentação das questões que envolvem o tópico "identidade", focalizando noções de Sociolingüística; na segunda, estabeleço uma relação com o tratamento do conceito em Análise do Discurso (doravante denominada AD); na terceira, observo como essas questões são implicadas nas pesquisas sociolingüísticas sobre a identidade nordestina brasileira e com quais outros conceitos sociolingüísticos o tópico de identidade mais estabelece relações; e, na quarta, observo alguns exemplos de pesquisas em AD que trabalham também com a questão identitária.

<sup>1</sup> Conferir o texto "A língua do Nordeste", do filólogo Mário Marroquim (2008 [1934]) para uma noção básica do funcionamento desse conceito de identidade linguística nordestina.

## 2 A IDENTIDADE COMO TEMA SOCIOLINGUÍSTICO

Para discutir a noção de identidade, é primordial compreender as relações que a envolvem. Assim, como aponta Orlandi (1998), a identidade, numa perspectiva discursiva, se baseia numa relação crucial entre unidade e dispersão, em que a primeira funciona como um efeito de sentido e a segunda como o funcionamento do real; para alguns teóricos sociolinguistas, relações desse tipo - instáveis, polêmicas e opacas - também são pressupostas quando o assunto é identidade. Para Kiesling (2013), por exemplo, o mais óbvio caminho para conceber identidade é nos termos de *semelhança* ou *diferença*<sup>2</sup>.

No entanto, a definição das bases relacionais que subjazem à noção identitária pode ser muito mais problematizada do que isso. Em Bucholtz e Hall (2004), esses blocos básicos da construção de identidade são a *adequação* e a *distinção*. Contudo eles podem se desmembrar apontando para valores que se relacionam e indicam uma identidade. Esses valores são, segundo Kiesling (2013): similaridade e diferença; solidariedade; afinidade, atração ou desejo; hierarquia, poder, *status* e estratificação. Já para Mendoza-Denton (2002), a identidade funciona a partir de uma negociação evidenciada pelos usos linguísticos.

Não obstante a importância desses apontamentos, um fator interessante abordado no texto de Kiesling é a perspectiva de construção de identidade, considerando não somente os grandes grupos censitários (idade, sexo, origem, classe social...), mas também um nível mais individual e contextualizado, observadas as múltiplas e distintas relações em que os falantes se envolvem e que requerem posicionamentos linguísticos diferentes.

Nesse sentido, a principal questão para a sociolinguística variacionista a respeito do tópico identidade é “que tipos de identidades tentam se correlacionar com as variáveis linguísticas, e como codificar aquelas identidades” (KIESLING, 2013, p. 454, tradução livre), visto que a relação existente entre identidade e língua já é uma questão posta e mais ou menos bem assumida no contexto científico. Sobre essa premissa, é interessante a definição de **identidades culturais** que Hall (2006) estabelece. Segundo o sociólogo, elas são aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

Proponho destacar nesse debate o caráter “linguístico” que Hall menciona ao elencar os critérios para assunção de pertencimento a uma identidade<sup>3</sup> bem como o destaque que Laraia (2009) promove em “evidências de diferenças linguísticas”. Assim, assumida a relação direta entre identidade e língua em várias áreas, como se pôde perceber ao menos na Antropologia e na Sociologia, resta saber como ela se estabelece.

Kiesling (2013) elenca alguns pontos a serem observados num estudo variacionista sobre identidade, provavelmente de terceira onda<sup>4</sup> pelo foco no indivíduo: agentividade, *habitus*..., numa tentativa de se desvencilhar da visão essencialista do comportamento linguístico (para a qual a identidade está diretamente relacionada à composição física dos indivíduos - cor de pele, sexo, idade...). A grande maioria dos estudos, no entanto, já provou que o tratamento da identidade não é tão simples assim.

<sup>2</sup> Essa lógica relacional entre identidade (sinônima de semelhança) e diferença funciona sempre que se teoriza sobre identidade. Por exemplo, Woodward (2014), acerca de um diálogo do escritor Ignatieff com um soldado sérvio à época do conflito iugoslavo, afirma que a história exemplifica o caráter relacional da identidade, que funciona pela semelhança e pela diferença, pelo que se é e pelo que não se é. No caso, um sérvio não é um croata porque nem os mesmos cigarros eles fumam, no entanto, são ambos “lixo dos Balcãs”.

<sup>3</sup> Acerca da “evidência” dessa relação entre língua e identidade, num questionário da pesquisa de Oushiro (2015) sobre como as pessoas reconheciam a identidade dos falantes, a grande maioria respondeu que era pelo “modo de falar”.

<sup>4</sup> Em Eckert (2012), os estudos sociolinguísticos variacionistas são apresentados na perspectiva de três grandes ondas: a primeira onda diz respeito aos trabalhos da década de 1960 e início da seguinte, quando a correlação entre variação linguística e macrocategorias sociais (como sexo, classe econômica e idade) era a base das pesquisas; a segunda onda se refere aos trabalhos da década de 1970 até o final do século XX, quando métodos etnográficos eram aplicados para entender as categorias locais que constituíam as macrocategorias. As categorias sociais protagonizaram essas primeiras ondas, como bem nota a autora. Já a terceira onda, constituída por trabalhos realizados sobretudo neste século, chama a atenção para uma importância real dos significados que as variáveis linguísticas ganham nos contextos estilísticos.

Dois exemplos seguem: o estudo de Eckert (2000 *apud* CHAMBERS; SCHILLING, 2013) em Detroit com estudantes adolescentes mostrou que as categorias globais eram menos importantes naquele contexto para definir a identidade dos falantes do que os grupos sociais criados pelos próprios adolescentes – *jocks* e *burnouts*; o estudo de Podesva (2007 *apud* CHAMBERS; SCHILLING, 2013) sobre o uso diferenciado do falsete por um jovem médico homossexual em várias situações comunicacionais que aponta para uma espécie de agentividade no sentido de consciência de uso social das variantes.

Tanto a agentividade quanto o *habitus* (no sentido bourdieiano: processo cíclico de trazer novos hábitos até que se tornem automáticos e sirvam de base para outros novos hábitos) indicam uma perspectiva estilística de análise sociolinguística, uma vez que, por esse ponto de vista, é assumida como mais importante a avaliação de práticas individuais de uso linguístico do que a pressuposição de relações diretas entre identidades linguísticas e grandes categorias sociais como idade e sexo.

Por outro lado, a perspectiva pós-moderna, que delinea uma estabilidade mínima das relações de identidade com as grandes categorias sociais, também não é unânime e sofre críticas no âmbito sociolinguístico. Oushiro (2015), por exemplo, caracteriza a superestimação da agentividade individual na construção da identidade como tão problemática quanto a visão essencialista, visto a impossibilidade da consciência total e do monitoramento contínuo nas escolhas dos traços linguísticos.

Essa questão, no entanto, não deixa de ser delicada e complexa e ainda não se conseguiu resolvê-la (supondo-se que exista possibilidade de resolução) nos estudos feitos até o momento. Assim, o interesse das pesquisas sociolinguísticas deve ser, principalmente, analisar materiais e descrevê-los linguisticamente para então possibilitar comparações e hipóteses sobre as construções de identidade nos contextos sociais a partir dos traços linguísticos. Oushiro (2019, p. 4) também lembra que, para trabalhar com identidades sociolinguísticas, “se faz necessário aplicar métodos variados, objetivos e replicáveis, a fim de compreender seu papel sobre a variação linguística”<sup>5</sup>.

### 3 A IDENTIDADE NA ANÁLISE DO DISCURSO

O conceito de identidade não é, como afirmei no início desse texto, exclusividade da Sociolinguística no âmbito dos estudos linguísticos. Assim, bem como considerado o objetivo principal desse texto de estabelecer relações entre conceitos identitários da Sociolinguística e da AD, nessa seção, farei breves apontamentos gerais sobre identidade nos estudos de AD sobretudo francesa.

A AD é um campo de estudos localizado, no Brasil, nos institutos ou departamentos que estudam Linguagens e Letras. Ela aponta, de modo geral, para uma proposta de estudos que funciona a partir de noções da Linguística (sistema linguístico, como em Saussure e os pós-estruturalistas), da História (ideologia e relações sociais, tal como em Marx e Althusser) e da Psicanálise (inconsciente, tal como em Freud e Lacan). Um dos analistas de discurso influentes mais atuais, Maingueneau (2015)<sup>6</sup>, define a AD como um empreendimento transdisciplinar que se opõe à divisão do saber em especializações. Assim, o trabalho do analista do discurso, segundo o próprio Pêcheux<sup>7</sup> (2015 [1988]), está nos pontos de deriva possíveis que toda descrição linguística (léxico-sintaticamente determinada) de um enunciado oferece para interpretação.

A identidade está ligada principalmente às noções de sujeito, de posicionamento e de formação discursiva (esse último conceito pode ser desmembrado em universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo numa reformulação encontrada em Maingueneau (2008 [1984])) no interior da AD. Assim, posicionamento é a especificidade do lugar de produção discursiva e remonta a uma “identidade enunciativa” enquanto o funcionamento do posicionamento se dá a partir da unidade e da diferença.

<sup>5</sup> Nesse mesmo texto, a autora apresenta uma abordagem etnográfica, com questionários específicos, análise da variação estilística de acordo com os assuntos tratados e diferentes posturas do falante ao longo da entrevista sociolinguística.

<sup>6</sup> A leitura dessa obra é interessante para entender um pouco da evolução da Análise do Discurso francesa dos anos de 1960 até a pulverização dos Estudos de Discurso que se fazem hoje no mundo inseridos num espaço de pesquisa globalizado e heterogêneo.

<sup>7</sup> Michel Pêcheux é considerado o fundador desse campo de estudos.

Em outras palavras, a relação entre o campo discursivo e a posição que o sujeito ocupa constitui a identidade enunciativa, que só é possível de ser analisada se debruçando nos textos<sup>8</sup> (na materialidade discursiva).

Maingueneau (2012, p. 393) ressalta, no entanto, que, num campo discursivo, “o posicionamento não diz respeito somente aos “conteúdos”, mas às diversas dimensões do discurso: ele se manifesta também na escolha destes ou daqueles gêneros de discurso, no modo de citar etc.”, isto é, o posicionamento não se restringe ao âmbito intralinguístico.

A identidade na AD é analisada de modo diferente do que na Sociolinguística uma vez que os métodos e os pressupostos também diferem. A AD analisa a identidade enunciativa a partir dos posicionamentos em jogo nos enunciados que constituem seu *corpus*<sup>9</sup> e parte do pressuposto que o discurso é assumido no bojo de um interdiscurso, isto é, os textos estão sempre relacionados a outros textos do mesmo gênero ou pertencentes à mesma formação discursiva através de posicionamentos polêmicos ou de filiação discursiva.

O trabalho de identidade no âmbito da Sociolinguística, por seu turno, se dá pela análise da variação linguística através da relação entre os usos linguísticos e os tipos de identidade, numa escala de perspectiva que vai de menos (considerando prioritariamente a agentividade) para mais essencialista (considerando prioritariamente as macrocategorias sociais).

Há que se destacar, no entanto, que trabalhos da terceira onda sociolinguística ((ECKERT, 2012) desenvolvem cada vez mais conceitos que de algum modo se aproximam dos da AD, como é o caso de posição<sup>10</sup>. Em Kiesling (2019), é proposto um modelo prático para manipular nas pesquisas sociolinguísticas a noção de posição, uma vez que ela é diretamente indexada a formas linguísticas e que ela ajuda a constituir identidades sexuais. Para proceder a esse modelo, o pesquisador parte de duas análises: uma se refere ao que ele intitula “voz gay” e outra focada na hiper-heterossexualidade marcada pela figura do “bro”<sup>11</sup>.

Outra ressalva sobre a peculiaridade na pesquisa sociolinguística deve ser feita: para os estudos sociolinguísticos variacionistas, a análise da variação e da mudança linguística é sempre o foco principal e sua metodologia nunca abre mão do caráter quantitativo para chegar aos resultados, enquanto os estudos do discurso estão situados num lugar de maior negação da influência positivista no fazer científico e, portanto, análises quantitativas são menos predominantes nesse tipo de pesquisa. No entanto, ambas as áreas compreendem a importância do uso da língua para os estudos linguísticos, bem como a relação necessária e real da língua com a sociedade.

#### 4 O QUE NOS MOSTRAM ALGUNS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS REGIONAIS?

No Brasil, há um número razoável de pesquisas já realizadas acerca de identidade à luz da perspectiva sociolinguística variacionista. Elas são tanto sobre avaliação e percepção, quanto sobre produção, e apontam para várias questões fonéticas, fonológicas e morfossintáticas que permeiam esse tópico. Nessa seção, a título de demonstração das mobilizações de conceitos envolvidos com identidade na Sociolinguística, apresentarei estudos que abordaram o tema identidade a partir de análises do que seria a “identidade nordestina brasileira”, por vezes apresentada cindida, por vezes, unificada.

No entanto, não é unânime a opinião de uma identidade que se dê tão somente pela origem político-geográfica dos indivíduos que compõem o grupo em questão. Ainda, os trabalhos variacionistas sobre identidade no que diz respeito ao Nordeste brasileiro são,

<sup>8</sup> Sobre a utilização do termo “texto” na AD, ver o capítulo “Discurso, texto, *corpus*” no livro *Discurso e Análise do Discurso* (MAINGUENEAU, 2015). Nesse capítulo, o autor comenta a diferença entre *corpora* (objeto de estudos dos analistas do discurso) que agrupam textos previamente existentes e aqueles que resultam de uma transcrição e comenta as discussões de Jhonstone (2008) sobre o tema.

<sup>9</sup> Conferir o texto de Louzada e Louzada (2012), *Identidade política, literatura de cordel e interdiscurso*, com proposta de análise da identidade política na literatura de cordel a partir do referencial teórico-metodológico da AD, a título de ilustração de uma análise discursiva da identidade.

<sup>10</sup> Aqui tomo a liberdade de traduzir o termo sociolinguístico “*stance*” por “posição” com o objetivo de diferenciá-lo de “posicionamento”, da AD.

<sup>11</sup> Kiesling considera “bro” e “gay voice” como dois extremos opostos de um *continuum* heterossexualidade-homossexualidade.

na verdade, sobre estados dessa região, por vezes comparados entre si, por vezes, comparados aos de outras regiões. Há por outro lado, pesquisas como a de Fouquet (2013), que não apontam para uma real diferenciação entre os estados nordestinos, a não ser tangencialmente.

Um exemplo de trabalho sobre as identidades de estados nordestinos sob o viés da perspectiva variacionista é o de Cardoso (2015)<sup>12</sup>. Nele, a autora procura entender como as atitudes e os julgamentos linguísticos interferem na construção de identidade. Para isso, ela analisa as atitudes de falantes aracajuanos em relação ao seu próprio dialeto e em contraste com o baiano e o carioca. É interessante perceber como esse trabalho mobiliza a noção de atitude para falar sobre a construção de identidade. A autora encara a constituição da identidade linguística a partir da valoração das variáveis linguísticas conforme os três níveis de apreciação que Labov (1972) elenca: os estereótipos, os marcadores e os indicadores.

Segundo o autor, os primeiros são fortemente sensíveis à avaliação social (no português brasileiro, a concordância verbal de primeira pessoa do plural, como em “nós vamos”/ “nós vai”, é um bom exemplo), os segundos são razoavelmente sensíveis à avaliação (exemplo de ditongação do /e/ na fala paulista, como em “peinsava”) e os indicadores quase não apresentam força avaliativa (exemplo de posição sintática do elemento-qu, como em “Quem é o Roberto?”/ “O Roberto é quem?”).

Cardoso (2015) concentra seu trabalho nos estereótipos, analisando sobretudo como eles caracterizam identidades locais e fazem funcionar o preconceito linguístico percebido através das análises das avaliações de fala. Por exemplo, conforme a autora, o caráter “cantado” é sempre estigmatizado e apresenta baixos índices em relação à avaliação “bonito” e “agradável”, o que difere parcialmente das avaliações constantes no trabalho de Alves (1979), que apresentarei no final dessa seção.

Outro conceito sociolinguístico que logicamente Cardoso (2015) mobiliza para analisar a construção identitária através das atitudes linguísticas é “comunidade de fala”. Ela segue a definição de Labov (2006 [1966]), para quem a comunidade é definida pelo compartilhamento, por indivíduos, de normas subjetivas comuns, as quais direcionam suas avaliações. Para Labov, esse compartilhamento de normas avaliativas é tão importante na descrição de uma comunidade de fala quanto um alinhamento nos padrões variáveis de fala.

Além das noções sociolinguísticas de comunidade de fala e de atitudes e avaliações, o tópico da identidade sociolinguística também pode ser direcionado para a questão do gênero enquanto grande categoria social (inclusive numa tentativa de desconstrução do binarismo categórico pré-estabelecido socialmente, mas reivindicado como natural pelo argumento “biológico” essencialista: homem/mulher<sup>13</sup>).

Nos últimos anos., principalmente, houve um aumento no interesse de pesquisas sobre a relação entre identidade e gênero nas áreas de humanas e, em termos mais específicos, nos trabalhos sociolinguísticos de terceira onda<sup>14</sup>. Um exemplo dessa associação entre identidade e gênero que indica uma pesquisa sobre identidade nordestina (já que Fortaleza é capital de um dos estados nordestinos mais representativos em termos demográficos) é o trabalho de Cardoso (2009). A autora se interessou por investigar o papel dos fatores linguísticos e não-linguísticos no uso variável do imperativo e, para tanto, analisou um grupo de homens e

<sup>12</sup> A autora indica esse texto como alinhado à proposta do projeto “Da expressividade da língua ao mal na literatura: base de pesquisas interinstitucionais do PPGL/UFS”, que parte da perspectiva da terceira onda sociolinguística. Ela cita ainda o projeto “Como o brasileiro acha que fala? estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil” que investiga o caráter contrastivo entre variedades do “Português Brasileiro”, em amostras de comunidades de fala específicas: Chapecó e Florianópolis, em Santa Catarina, na região Sul, e Natal, no Rio Grande do Norte, e Aracaju, em Sergipe, na região nordeste do Brasil. Os trabalhos advindos desse projeto tocam, ainda que tangencialmente, a questão da identidade nordestina.

<sup>13</sup> O texto de Robin Queen (2013), *Gender, Sex, Sexuality, and Sexual Identities*, é uma leitura inicial sobre o tema que pretende delinear a evolução das pesquisas sociolinguísticas e as possibilidades de se teorizar sobre o tópico. A autora conclui seu texto introdutório indicando alguns pontos de convergência mais ou menos estabilizada entre pesquisadores sociolinguistas de gênero: “(i) gênero, sexo e sexualidade não são categorias sociais estáticas; (ii) o gênero está implicado direta ou indiretamente na variação linguística e na mudança linguística; (iii) gênero pode ser manipulado para alcançar diferentes resultados perceptivos; (iv) o gênero é frequentemente usado para explicar fenômenos variáveis mesmo quando não é a causa da variação; (v) gênero, sexo, identidades sexuais e sexualidade estão ligados uns aos outros de formas tanto surpreendentes quanto previsíveis” (p. 383, tradução livre). Importa ressaltar que não há uma boa discussão nesse texto a respeito das diferenças entre os termos que, no entanto, seria fundamental para os trabalhos sobre o tópico.

<sup>14</sup> Cf. *Oxford Handbook of Language and Sexuality*, onde constam muitas pesquisas sobre o tema incluída a de Kiesling (2019) já mencionada.

mulheres fortalezenses que eram migrantes no Distrito Federal. É, portanto, um trabalho predominantemente de acomodação dialetal<sup>15</sup> tal como o de Fouquet (2013).

Segundo Cardoso (2009), as variáveis sociais mais estatisticamente significativas foram as oriundas dos falantes agrupados por gênero e traços identitários na análise sobre a variação no modo imperativo do português brasileiro. Cardoso (2009) optou por trabalhar comparativamente a variedade gênero a partir da visão tradicional homem/mulher. Nesse sentido, ela observou que as mulheres se ajustam mais rápido que os homens e isso se deveria ao “fato de a mulher se adaptar mais rápido às situações novas nas quais se insere” (p. 139). Bem como a forma não marcada, imperativo associado ao subjuntivo em Fortaleza e imperativo associado ao indicativo no Distrito Federal, predominou na fala feminina, corroborando a indicação prévia das pesquisas sociolinguísticas de que as mulheres tendem a usar a forma de maior prestígio<sup>16</sup>.

Um fator interessante desse trabalho é que ele corrobora a afirmação de Mendoza-Denton (2002) de que a identidade sociolinguística do falante não está vinculada somente a uma dimensão social (sexo, idade, classe social..), mas atravessa e é atravessada por várias delas. Tem, portanto, um caráter múltiplo, que leva em consideração não somente macrocategorias, mas também práticas individuais e relações interativas. Ademais, sugere que as escolhas linguísticas que os sujeitos fazem nunca são totalmente conscientes ou inconscientes. Há estruturas funcionando e, acima de tudo, mudando de forma ordenada como pressupõe a teoria sociolinguística variacionista com o axioma da heterogeneidade ordenada da língua (WEINHEICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Por último, abordarei brevemente o trabalho de Alves (1979), que estudou as atitudes dos nordestinos em São Paulo em relação às variedades linguísticas deles mesmos e dos paulistas. Esse texto tangencia também a questão da identidade, visto que assume identidades regionais para a classificação da comunidade de fala que faz as valorações estudadas pela autora. Ela diz, por exemplo, que os pernambucanos que participaram da pesquisa classificavam o falar das pessoas da sua terra como “boa” e “agradável” e, segundo a autora (ALVES, 1979, p. 124, grifo meu), essas valorações da fala de seus conterrâneos “passam a ser um sinal de valorização da **identidade**”.

Essa tese exemplifica mais uma vez como as noções sociolinguísticas de comunidade de fala e atitudes linguísticas funcionam em conjunto para delinear a noção de identidade, a qual parece não poder ser manipulada em si mesma numa pesquisa variacionista. Pode, no entanto, ser o principal objetivo de um trabalho e, nesse sentido, infelizmente, ainda não há muitos sobre a identidade nordestina. A tese de Alves (1979) trata ainda da acomodação dialetal como forma que os migrantes nordestinos encontravam para serem aceitos socialmente num local que lhes era hostil, como a autora aponta através de trechos das matérias do jornal “O migrante”.

Alves (1979), no seu tratamento dos dados sobre as atitudes dos nordestinos migrantes em São Paulo (principalmente os baianos e os pernambucanos, que eram os nordestinos migrantes em maior porcentagem em São Paulo, na época), mostra dois modos como as identidades dos falantes se delineiam pela *diferença* (nos termos de Kiesling, 2013): Nordeste/Sudeste e Capital/Interior. Assim, os entrevistados que participaram realizavam juízos tanto entre eles mesmos e os paulistas (Nordeste/Sudeste) quanto entre os paulistas interioranos e os da capital e, da mesma forma com os pernambucanos e baianos do interior e da capital (Capital/Interior).

Desse modo, as entrevistas acabam corroborando aquele caráter múltiplo da identidade apontado por Mendoza-Denton (2002), no sentido de que as atitudes se dão tanto por critérios político-geográficos (divisão regional) quanto por critérios sociodemográficos (escolaridade), visto que o argumento dos entrevistados para sustentar as diferentes variedades linguísticas entre moradores da capital e do interior era o acesso mais facilitado aos estudos quando se residia na capital.

<sup>15</sup> Termo utilizado por Trudgill (1986 apud KERSWILL, 2000) que aponta tanto para mudanças semipermanentes no modo de fala de uma pessoa durante um período de contato com falantes que usam outras variedades linguísticas (acomodação de longo prazo), quanto numa interação de fala particular (acomodação de curto prazo). A primeira é resultado de efeito acumulativo de inúmeras ocorrências da segunda.

<sup>16</sup> Ver em Cheshire (2002) algumas justificativas bem variadas de pesquisadores sobre porque as mulheres usam mais forma padrão que homens. As justificativas mencionam questões sobre poder, valores morais e identidade local.

Sobre esse último aspecto, é importante ressaltar que ele permite que o primeiro seja marginalizado na construção da identidade, já que, quando se trata de diferença social, tanto o interiorano nordestino quanto o sudestino são marcados negativamente nos julgamentos linguísticos. Isso pode subsidiar a proposta de que a identidade é delineada sempre de forma fluida a depender do critério que esteja sendo analisado no momento: a procedência, a proveniência, a classe social, o público, a faixa etária, o gênero/sexo...

O trabalho de Alves (1979), apesar de não tratar diretamente do tópico identidade, apresenta um material importante para futuros estudos que queiram fazê-lo em relação à identidade nordestina, principalmente em termos de atitudes sociolinguísticas sobre si mesmos e sobre os outros, os paulistas, no caso do seu trabalho. Não muito especificamente a autora também é uma fonte de pesquisa sobre acomodação dialetal, não obstante haja muitos trabalhos sobre acomodação de nordestinos migrantes mais atualizados, como o de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) sobre os migrantes rurais que foram para Brazilândia, ou o de Santana (2018) sobre a acomodação dialetal de sergipanos em São Paulo.

## 5 QUE NOÇÕES ESTÃO ENVOLVIDAS NOS ESTUDOS SOBRE IDENTIDADE NAS PESQUISAS DE AD?

Se a noção de “posição” tem sido uma boa saída para trabalhar com a identidade nos estudos sociolinguísticos variacionistas mais atuais, na AD francesa é possível observar que os estudos sobre identidade quase nunca se isentam de abordar posicionamento discursivo, como já tratado nas seções 2 e 3 desse texto. Mas, além dessas noções, uma outra que se mostra ponto de convergência entre as duas abordagens de estudo é a de estereótipos.

Como já dito, em Labov (1982), os estereótipos indicam um dos níveis de avaliação social. Já para a AD, os estereótipos, representações cristalizadas no imaginário social, são geralmente associados a uma noção discursiva herdada dos estudos retóricos clássicos: *ethos*. Essa noção diz respeito à imagem que o orador constrói de si no seu discurso.<sup>17</sup> Ao passar para a perspectiva discursiva, o foco muda para a construção que o enunciador produz de sua imagem. Em Amossy (2005), a proposta se estende para o conceito de *ethos* pré-discursivo, aquela imagem do enunciador construída antes mesmo de sua enunciação. Esse conceito se aproxima mais ainda do de estereótipo.

Um bom exemplo de estudo discursivo com estereótipos é o de Velloso (2011). Nele, a autora trabalha os estereótipos do carioca e do paulista ao analisar a polêmica “Daslu X Daspu”. A autora sustenta que os processos identitários sempre apresentam um caráter relacional de reflexo (lembra um jogo de espelhos) que funciona para construir estereótipos. Ou seja, a visão do *Correio paulistano*, dos paulistas sobre os cariocas, e a da *Revista do Brasil*, dos cariocas sobre os paulistas, funcionam para formular os estereótipos baseados nos pares opostos organizado/desorganizado, trabalhador/inconsequente a partir de uma polarização necessária à caracterização daquilo que, segundo ela, seria o primeiro de todos os estereótipos: a identidade nacional.

No caso especial dos discursos humorísticos, objeto que tenho pesquisado há algum tempo, os estereótipos são fundamentais para construir os *ethé* das personagens das piadas, por exemplo: loira burra, judeu avarento, papagaio falastrão, baiano preguiçoso... E esses estereótipos marcam os *ethé* através, dentre outras coisas, da variação linguística.

É nesse momento que as áreas promovem seu encontro mais perceptivo ao tratar de identidade. Isto é, para o analista do discurso promover uma boa análise de identidade discursiva é necessário, muito provavelmente, que ele recorra a descrições linguísticas de variação dialetal. Alguns exemplos de análises discursivas desse tipo de discurso podem ser encontradas em Souza (2013), que trabalhou com estereótipos de baianos em piadas, e Gatti (2013), que trabalhou estereótipos de crianças em tirinhas.

Um exemplo específico de pesquisa em Análise do Discurso sobre identidade que gostaria de apresentar à guisa de ilustração é o seguinte: analisando algumas postagens humorísticas da rede social *instagram* de um perfil chamado Suricate Seboso, que é

<sup>17</sup> Cf. O livro de Amossy (2005) *Imagem de si no discurso*, em que a autora apresenta um panorama geral da noção de *ethos* desde os estudos retóricos clássicos até à Análise do Discurso, passando pelos estudos culturais, pragmáticos, argumentativos contemporâneos... e Maingueneau (2008 [1984]), quando pela primeira vez se aborda a noção de *ethos* a partir de uma perspectiva discursiva.

produzido por garotos cearenses, é inevitável que, para proceder a uma análise de identidade discursiva do perfil e das personagens, não ocorram descrições da variação linguística (que, no caso de discurso humorístico, são hiperbolizadas/caricaturizadas obviamente).

É interessante ressaltar, no entanto, que a análise das postagens desse perfil põe uma questão em relevo: a oscilação entre identidade nordestina e identidade cearense. Por exemplo, quando o filho se refere à mãe, geralmente utiliza o vocativo “mãe”, e, nesse caso, alguns baianos e pernambucanos, os quais utilizam “mainha” majoritariamente, provavelmente não se identificariam com essa representação linguística que o perfil apresenta. Os cearenses, principalmente moradores da região metropolitana de Fortaleza, no entanto, se veriam muito mais representados pelo perfil. Vejamos o texto a seguir, que é um exemplo das postagens desse perfil:



Imagem 1: Sebosim e a mãe

Fonte: Suricate Seboso (2017)

Na imagem anterior, publicada no perfil oficial do *instagram* do Suricate Seboso em 05 de julho de 2017, aparecem duas das principais personagens desse perfil humorístico: a mãe e o filho, Sebosinho. O objetivo do perfil é, segundo sua autodescrição, representar o nordeste brasileiro com humor. Na construção de suas personagens, o *ethos* autoritário/impaciente/irritado é comum na mãe, o que lembra em alguma medida a união de duas personagens já bastante comuns no imaginário humorístico: no caso brasileiro, o nordestino adulto (exemplo seu Lunga<sup>18</sup>); e, no caso mundial, a mãe judia.

Para construir esse *ethos* autoritário e impaciente da mãe, no texto acima, o perfil recorre às marcas linguísticas de variação da região. Por exemplo: o xingamento “peste”, a realização de “não” como “num”, a dupla negação “num - não”, a ditongação em “faiz”, a monotongação em “paciência”... todos eles, em alguma medida, apontam para os estereótipos linguísticos da mãe nordestina, de classe baixa provavelmente. Obviamente que, numa análise discursiva, é preciso descrever e considerar os elementos não-verbais como parte integrante do funcionamento desse texto, mas esse não é o objetivo desse artigo.

Acerca da noção de posicionamento discursivo, no perfil produtor da imagem acima percebe-se o esforço em desenhar uma imagem dentro do discurso humorístico de posicionamento de reivindicação de notoriedade de cultura nordestina, o que ousa chamar de posicionamento discursivo, principalmente através da exploração dos cenários e personagens que representam o dia a

<sup>18</sup> Seu Calunga, um vendedor de sucata no Juazeiro do Norte, acabou inspirando um personagem corriqueiro da literatura de cordel e do folclore nordestino, o famoso seu Lunga, conhecido pela imagem de velho ranzinza e mal humorado que respondia sempre de forma literal às interações. Alguns exemplos de piadas sobre seu Lunga: “Seu Lunga embarca em um ônibus interestadual e após alguns minutos de viagem o sujeito ao seu lado cutuca o seu ombro e pergunta: - Aqui é a BR? E seu Lunga responde: - Não, aqui é o meu ombro. A BR é ali!”, “Seu Lunga estava doente e a esposa se propôs a fazer uma sopa. Quando terminou gritou da cozinha: - Lunga você quer que eu coloque a sopa em um prato e leve para você? Ele respondeu: - Não, jogue no chão em empurre com um rodo!”. (OS VIGARISTAS, 2019).

dia da população periférica dessa região do Brasil. É preciso, no entanto, lembrar que há uma constante instabilidade entre as imagens que se pode reconhecer no perfil: cearense e nordestina.

Os exemplos apresentados nessa seção objetivam, sobretudo, mostrar uma relação entre conhecimentos sociolinguísticos e discursivos cujo estabelecimento me parece bastante óbvio quando se trata de empreender pesquisas linguísticas sobre “identidade” a partir de uma dessas duas perspectivas. Isso porque, enquanto as pesquisas sociolinguísticas, mesmo as mais quantitativas necessitam de informações contextuais, mesmo discursivas (históricas e sociais), para realizar uma boa pesquisa sobre identidade, o contrário também é verídico: as pesquisas em AD sobre identidade, quando envolvem material linguístico, devem, necessariamente, empreender descrições de variação linguística para que o trabalho seja considerado refinado linguisticamente.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto pretendeu, sobretudo, trazer à tona questões que envolvem as pesquisas sobre identidade no âmbito dos trabalhos sociolinguísticos variacionistas e de AD francesa. O principal objetivo foi encontrar pontos de convergência entre as teorias a partir de análise de semelhança entre as noções que são mobilizadas pelas pesquisas de ambas as áreas. Nesse sentido é que, após visitar pesquisas mais recentes, sugeri alguma semelhança entre a noção sociolinguística de posição “*stance*”, demonstrada em Kiesling (2019) e posicionamento discursivo, bem como na reincidência da noção de estereótipos tanto nas pesquisas de Sociolinguística, quanto de AD e, no caso desta última, o envolvimento direto com o conceito de *ethos*.

Nos breves apontamentos feitos sobre a teorização do conceito de identidade no âmbito da perspectiva sociolinguística, procurei mostrar algumas falhas que são assumidas pelos teóricos quando se trata de analisar quantitativamente uma noção tão fluida e múltipla como é a identidade. Ainda assim, foi possível perceber que identidade é um tema que a Sociolinguística provavelmente nunca conseguirá ignorar uma vez que uma gama de outras noções extremamente importantes para essa área de estudo acaba apontando para a questão identitária, como é o caso dos estudos sobre percepções e atitudes sociolinguísticas.

Ainda nessa seção, verifiquei, de forma bastante embrionária dada a simplicidade da amostra de trabalhos, a localização preferencial dos estudos sobre identidade em trabalhos que escolhem a perspectiva da terceira onda sociolinguística (ECKERT, 2012) como arcabouço teórico-metodológico. Isso, no entanto, não significa dizer que trabalhos sobre o tópico identidade não podem ser feitos utilizando macrocategorias, como fizeram Oushiro (2015) e Alves (1979). É, nesse sentido, mais interessante centralizar a ponderação sobre a noção, como faz Kiesling (2013), ao propor como deve ser o caráter das análises sobre construção de identidade (nem tão estrutural, nem tão agentivo).

Realizei, em seguida, um desenho sucinto do conceito a partir de outra perspectiva de estudos linguísticos, a da AD, para proceder à comparação das diferenças de pressupostos e métodos e semelhança de conceitos dentro dos estudos linguísticos ao tratar analiticamente do tópico “identidade”. Para isso, utilizei um exemplo prático de análise breve do discurso humorístico de Suricate Seboso. Ao final da seção, ressaltei a inevitável cautela que o analista do discurso deve ter ao proceder a uma análise de identidade, isto é, deve cuidar em descrever atentamente as marcas de variação linguística.

Procuo finalizar o texto lembrando que, enquanto, segundo Oushiro (2019), um dos principais objetivos de estudar identidade no âmbito da sociolinguística é compreender qual é o seu papel na variação linguística, nas pesquisas em AD sobre identidade, a principal questão é compreender o funcionamento discursivo dessas variações na sua relação com o gênero e com as cenas enunciativas, por exemplo, e, para isso, é necessário que descrições sociolinguísticas do material sejam realizadas, ainda que tenham um papel secundário para o resultado final das análises.

O mais importante, contudo, é que fique cada vez mais clara a necessidade do diálogo entre as áreas para que, ao acompanhar suas inovações conceituais e metodológicas, seja possível reconhecer pontos de convergência nessas comparações e sua potencialidade de melhora para ambas as teorias.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de Nordestinos em São Paulo: abordagem prévia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1979.
- AMOSSY, R. (org.) *Imagem de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu et al. São Paulo: Contexto, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 [1985].
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Theorizing identity in language and sexuality research. In: *Language in Society*. 33(4): 2004. p. 469-515.
- CARDOSO, D. B. B. *Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2009.
- CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.
- CHAMBERS, J.K.; SCHILLING, N. (ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2 ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013.
- CHESHIRE J. Sex and gender in variationist research. In: *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford, 2002.
- ECKERT, P. Three Waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. In: *Annual Review of Anthropology*. 41, 2012. p. 87-100.
- FOUQUET, C. B. G. *A influência no dialeto nordestino frente ao dialeto paulista*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós -Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo - São Paulo, 2013. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-07112013-122227/publico/2013\\_ChristinaBeniniGimenesFouquet.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-07112013-122227/publico/2013_ChristinaBeniniGimenesFouquet.pdf). Acesso em: 18 jul. 2020.
- GATTI, M. A. *A representação da criança no humor: um estudo sobre tiras cômicas e estereótipos*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Campinas - Campinas, 2013.
- LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.
- JOHNSTONE, B. *Discourse Analysis*. 3. ed. Oxford: Wiley Blackwell, 2008.
- KERSWILL, P. Koineization and Accomodation. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (ed.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2000. p. 669-702.
- KIESLING, S. F. Constructing Identity. In: CHAMBERS, J.K.; SCHILLING, N. (ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2 ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013. p. 448-467.

KIESLING, S. F. The “Gay Voice” and “Brospeak”: Toward a Systematic Model of Stance.. In: HALL, K.; BARRETT, R. (ed.). *Oxford handbook of language and sexuality*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2019.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009 [1986].

LOUZADA, M. S. O.; LOUZADA, Roberto. Identidade política, literatura de cordel e interdiscurso. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v.10, n.1, p. 01-16, jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/5281/4286>. Acesso em: 5 jul. 2019.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo, Parábola Editorial, 2008 [1984].

MAINGUENEAU, D. Posicionamento. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 392-393.

MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

MENDOZA-DENTON, N. Language and identity. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; CHILLING, N. (ed.). *The handbook of language variation and change*. Malden, MA: Blackwell, 2002. p. 475-499.

ORLANDI, E. P. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, I. (org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.203-212.

OS VIGARISTAS. *Piadas de Seu Lunga*. Disponível em: <https://www.osvigaristas.com.br/piadas/seu-lunga/>. Acesso em: 13 nov 2019.

OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na sociolinguística. *Estudos linguísticos e literários*. Salvador, n.62, p. 304-325, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i63.33777>. Acesso em: 19 ago. 2021.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas, Pontes editores, 2015 [1988].

SANTANA, A. de L. Acomodação dialetal de sergipanos em São Paulo: a influência das redes sociais e do indivíduo. In: *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 47, n.1, p.212-225, 2018.

SOUSA, A. L. de. *Estereótipos em piadas sobre baiano*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Campinas, 2013.

SURICATE SEBOSO. Perfil oficial do instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/suricateof/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

QUEEN, R. Gender, sex, sexuality, and sexual identities. In: CHAMBERS, J.K.; SCHILLING, N. (ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2 ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013. p. 368-386.

VELLOSO, M. P. A mulata, o papagaio e a francesa. O jogo dos estereótipos culturais. In: LUSTOSA, I. (org.). *Imprensa, humor e caricatura*. A questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 365-387.

WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.



**Recebido em 26/05/2020. Aceito em 17/07/2020.**